As Mulheres na Revolução Civil Espanhola

Women in the Spanish Revolution

Liz Willis

Alexandre P. V. Félix

As Mulheres na Revolução Civil Espanhola

Women in the Spanish Revolution

Liz Willis

Acknowledgement

Thanks are due to all those who lent books and other material, also to comrades at Freedom Press for the chance to peruse their files of Spain and the World, and to a correspondent in *Mujeres Libres in Exile.*

Tradução

Alexandre Penteado Villar Félix

Prefácio à edição brasileira

A Guerra Civil Espanhola situa-se entre 1936 e 1939; o presente documento foi publicado na Revista Solidarity, Londres, 1975, cidade onde adquiri exemplar do mesmo, no ano de 1992.

Da primeira tentativa de tradução, entre idas e vindas, submergindo por longos períodos para, emergindo, contatar a autora, sempre gentil e atenciosa, disposta ao diálogo, nunca deixando de atender aos meus contatos, ...mais de duas décadas se passaram.

Por que o interesse? Porque faz parte do meu caminho, desde quando estudante na Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, na década de 80. O anarquismo, seus ideais, ressoam na minha história de vida.

Emergi, recentemente, ao som de músicas da Guerra Civil Espanhola que ouvia em companhia de Maria Eliza, "Tatita", minha esposa, quem me "cutucou".

Este texto encanta.

É um texto formador. A exposição e a análise do desenrolar dos acontecimentos pela autora vão ao encontro do *slogan* adotado pelo Radical History Network, grupo ao qual Liz Willis vai se juntar anos mais tarde, "*celebrate our History, avoid repeating our mistakes*" - "celebrar a nossa História, evitar a repetição de nossos erros".

Tratando-se de edição impressa em língua portuguesa, no Brasil, sem mesmo beirar o assunto, não posso deixar de citar os brasileiros que participaram da Revolução Civil Espanhola e assim estimular o estudo e a pesquisa por parte dos interessados.

Sirvo-me, para tanto, de artigo intitulado *Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na Luta contra o Fascismo* do Diplomata Paulo Roberto de Almeida, para a Revista de Sociologia e Política (UFPR, 1999): Alberto

Bomilcar Besouchet, Apolônio Pinto de Carvalho, Joaquim Silveira dos Santos, José Homem Correia de Sá, David Capistrano da Costa, Enéas Jorge de Andrade, Nelson de Souza Alves, Roberto Morena, Dinarco Reis, Delcy Silveira, Eny Antonio Silveira, Nemo Canabarro Lucas, José Gay da Cunha, Hermenegildo de Assis Brasil, Carlos da Costa Leite, Homero de Castro Jobim. [1]

Às notas de rodapé do texto original foram incorporadas outras, com a devida licença da Autora, no intuito de orientar o público leitor, na atualidade, sobre as pessoas, instituições e os acontecimentos retratados.

Ofereço esta tradução às mulheres que na lide diária criam verdadeiros maquis da resistência à opressão, pela dignidade da pessoa humana.

À Liz Willis, grato por 25 anos de paciência e incentivo.

À Maria Eliza, companheira de caminhada para um destino sempre em construção há 25 anos, com todo o meu amor.

Jaboticabal, 31 de agosto de 2017

Alexandre Penteado Villar Félix

1 Revista de Sociologia e Política nº 12: 35-66 JUN. 1999: revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39262/24081

Liz Willis juntou-se aos estudantes da *Campaign for Nuclear Disarmament* - CND, na Universidade de Aberdeen, Escócia, em meados da Década de 60, e foi membro ativo da ala jovem da CND na cidade, movendo-se com outros em direção ao anarquismo e, mais tarde, do socialismo libertário como defendido pelo *Solidarity*, grupo de socialistas libertários surgido na Grã Bretanha no ano de 1960.

Em Belfast, Irlanda do Norte, de 1968 a 1970, envolveu-se com o movimento dos direitos civis e passa a escrever para a Revista do grupo *Solidarity*, de nome homônimo, juntando-se ao mesmo em Londres, Inglaterra, em 1971.

Outro envolvimento político deu-se com a *Polish Solidarity Campaign*, campanha britânica de solidariedade ao *Solidarity* polonês, federação sindical polonesa, no início dos anos 80, e da *Medical Association for the Prevention of War* por volta do ano de 1983, mais tarde incorporada ao *Medact* [2].

Liz Willis faz parte do Conselho Editorial da Revista *Medicine Conflict and Survival* [3] e é sua contribuinte frequente. Nos últimos anos, outro foco principal tem sido o *Radical History Network* [4], baseado no norte de Londres.

---

2 *Medact* - organização britânica de profissionais de saúde com a missão de mobilizar, apoiar e organizar os profissionais de saúde para serem agentes sociais mais eficazes para a mudança social. Fundada no ano de 1992, com a junção da *Medical Association for the Prevention of War* (ano de fundação: 1953) e da *Medical Campaign Against Nuclear Weapons* (ano de fundação: 1982). É filiada à *International Physicians for the Prevention of Nuclear War* - IPPNW, Prêmio Nobel da Paz no ano de 1985: medact.org.

3 *Medicine, Conflict and Survival* - revista internacional, trimestral, sobre os aspectos sanitários da violência e dos direitos humanos, editada pelo *Medact* e IPPNW. Fundada em 1985, inicialmente sob o título de *Medicine and War*: medact.org/resources/mcs.

4 *Radical History Network* - "blog" para grupos de história radical publicarem resenhas, relatórios e artigos sobre diversos aspectos da história radical e anunciarem reuniões e atuarem como fórum de discussão para aqueles interessados na história radical. Fundado no ano de 2006: radicalhistorynetwork.blogspot.com

Considerações iniciais

Até certo ponto, esta é uma tentativa claramente artificial de se tentar individualizar o papel das mulheres numa série de eventos históricos. Há razões, no entanto, do porquê de esta tentativa ser feita. É porque não se assume que quando os historiadores escrevem sobre o "povo" ou os "trabalhadores", eles interpretam as mulheres como uma extensão dos homens.

Só recentemente é que a participação das mulheres na história começou a ser estudada com a devida atenção para os papéis que estas assumem [5], lembrando que constituem aproximadamente metade da população, em todos os níveis sociais.

Na *obra The Revolution and the Civil War in Spain* (Faber & Faber, 1972), Pierre Broué e Emile Temime afirmam que a participação das mulheres na Revolução Espanhola de 1936 foi maciça e geral, tomando isto como um índice de quão profunda foi a mesma.

Infelizmente, detalhes a respeito são escassos em qualquer parte do livro, mas as fontes nele indicadas permitem a visualização de alguns quadros possíveis de serem conectados entre si.

No processo de examinar como as mulheres lutaram e o que realizaram e como as suas consciências se desenvolveram num período de intensas mudanças sociais, esperamos poder tomar contato com as muitas facetas daquela situação. Qualquer conclusão que emergir certamente terá relevância para os libertários e para o movimento feminista nos dias atuais.

5 Bons exemplos neste campo são: Edith Thomas, *The Women Incendiaries* (New York, 1966; London, 1967), sobre a Comuna de Paris, e Sheila Rowbotham, *Women, Resistance and Revolution.*

Antecedentes

As condições de vida das mulheres espanholas até 1936 eram opressivas e repressivas ao extremo; o trabalho era pesado, com longas jornadas e muito mal pagas [6]. Quando se introduziam melhorias não eram, muitas das vezes, benéficas a elas.

Números do Instituto de Reformas Sociais (citados em *The Spanish Revolution*. Payne, S. G., Weidenfeld & Nicolson, 1970) mostram que na década de 1913/22, o salário dos homens aumentou cerca de 107,10% e o das mulheres, 67,90%, enquanto que o custo de vida roçou os 93% de aumento.

Quando, em 1931, a República estabeleceu jornada de oito horas de trabalho, significou, na prática, que os homens estavam liberados para se reunirem, "fofocar", ao passo que as esposas deveriam retornar para casa às 17 horas, preparar a refeição e lavar as roupas das crianças, como disse um camponês com quem Arthur Koestler conversou na Prisão de Sevilha.

Reformas mínimas, incluindo-se o auxílio-maternidade, tinham, entretanto, sido introduzidas e constavam dos programas dos grupos mais progressistas. Politicamente, a Constituição Republicana de 1931 trouxe o direito de voto para ambos os sexos a partir dos 23 anos, algo radical para o tempo e o lugar.

Tem-se dito (*Freedom's Battle*. Vayo, Alvarez Del) que o voto feminino simplesmente duplicou o poder do marido

6 Arthur Koestler indica como sendo de 3 pesetas a média diária do salário de um trabalhador agrícola masculino (*Spanish Testament,* Gollancz, 1937), e de metade desta paga para que as mulheres trabalhassem do nascer ao pôr-do-sol. Burnett Bolloten (*The Grand Camouflage,* New York, 1961) cita o exemplo de uma vila de Sevilha onde as mulheres colhiam grão-de-bico das 3 horas da tarde até a meia-noite ganhando 1 peseta.

ou do padre confessor. Mas, a situação estava se modificando; a República trouxe medidas na área da educação e secularização, bem como providências para o divórcio se "por justa causa".

A despeito do peso da inferioridade internalizada debaixo do qual elas trabalhavam, muitas mulheres começaram a envolver-se ativamente na política [7].

Do lado libertário, o forte movimento anarquista incorporou certa consciência da necessidade de se conceberem diferentes formas de relacionamentos entre as pessoas - a abolição do casamento legal ao menos constava da pauta.

No entanto, apesar de difícil de avaliar quão profunda era a introjeção dessas mudanças de atitudes em suas vidas pessoais, parece que o problema particular das mulheres não era assunto prioritário [8].

De fato, não era assunto prioritário de ninguém.

Margarida Nelkin, uma socialista que veio a tornar-se Deputada nas Cortes (**Legislativo Espanhol**), escreveu a respeito em *The Social Condition of Women in Spain* (Barcelona, 1922) e em *Women in lhe Cortes* (Madrid, 1931); havia um movimento pelos direitos das mulheres no início do Século XX, mas com uma orientação nitidamente reformista e carreirista, com base nas profissões destinadas às mulheres.

7 Um dos muitos "incidentes" no começo dos Anos 30 foi o assassinato de Juanita Rico, uma jovem socialista, por Pilar Primo de Rivera (filha do ditador em função e irmã de um líder falangista). Cerca de 70 mil pessoas compareceram ao funeral. Em junho de 1936, Dolores Ibàrruri foi uma dos 17 Delegados do Partido Comunista nas Cortes. Sua autobiografia (*They Shall Not Pass,* New York, 1966) dá detalhes das atividades políticas das mulheres espanholas "*Contra a Guerra e o Fascismo*" em organizações orientadas pelo Partido Comunista.

8 Uma impressão sobre as atitudes anarco-sindicalistas para com as mulheres é veiculada na novela *Seven Red Sun Days* por Sender, Ramon J., Penguin, 1938.

Para os anarquistas, programas mínimos ou transitórios estavam mais ou menos fora de questão. O foco da atenção era a revolução social. Infelizmente, qualquer discussão teórica a respeito do que tal revolução poderia significar era posta de lado a favor da suposição de que tudo aconteceria espontaneamente, da melhor maneira possível.

A revolução

Na resposta à insurreição militar de 18 de julho de 1936 contra a República havia, na verdade, um poderoso elemento de espontaneidade. Os eventos surpreenderam os partidos e seus líderes, incluindo-se aqueles militantes na Confederação Nacional do Trabalho - CNT, e na Federação Anarquista Ibérica - FAI. Um desses, Federica Montseny, aludia mais tarde que "A revolução todos a desejávamos, mas, não para tão já".

As mulheres desempenharam papel ativo. Na visão de Alvarez Del Vaio, elas foram decisivas na reação ao levante formando a coluna vertebral da resistência. Broué e Temime contaram-nos que elas estavam presentes em todas as partes: nos comitês e milícias, bem como na frente de combate.

Nas primeiras batalhas da Guerra Civil Espanhola, lutaram ao lado dos homens como era de se esperar [9].

Elas eram necessárias e naturalmente envolvidas no desenrolar da revolução social, nos Coletivos aonde se estabeleciam, no campo ou na cidade, após a fuga de seus administradores e proprietários.

Isto implica mudanças nos seus estilos de vida, no grau de alienação do trabalho e no lazer, se é que tinham algum lazer, nas suas formas de pensar, nas atitudes dos outros para com elas. Porém, a transformação nas relações sociais, particularmente no *status* das mulheres na comunidade, estava longe do ideal, mesmo nas áreas onde os libertários tinham um controle maior de suas próprias condições de vida.

9 Orwell, George, *Homage to Catalonia* (Gollancz, 1938), p. 2, Edições Penguin.

Exemplo da contínua inferioridade de suas posições é dado pelas estatísticas dos pagamentos nos Coletivos, frequentemente pagas num nível menor que os homens [10]:

- No comércio de retalhos de Puigcerda, os homens ganhavam 50 pesetas por semana contra 35 pesetas para as mulheres;
- No Coletivo Agrícola de Segorbe, os homens ganhavam 5 pesetas por dia em comparação com as 4 pesetas pagas às mulheres solteiras e 2 pesetas para as mulheres casadas;
- Em Muniesa, os homens recebiam 1 peseta por dia, as mulheres recebiam 75 cêntimos e todos aqueles abaixo dos 10 anos, 50 cêntimos [11].

Muitos dos Coletivos Agrícolas concordaram a respeito de um "salário-família", que variava de acordo com o princípio de "para cada um, de acordo com as suas necessidades".

Uma família onde homem e mulher, os dois trabalhassem, sem filhos, poderia receber 5 pesetas por dia de serviço, enquanto que uma família onde somente o homem era visto trabalhando para o Coletivo e sua mulher tinha de cuidar de 2, 3, 4 crianças, talvez recebesse 6, 7, 8 pesetas por dia de serviço, respectivamente [12].

---

10 Gaston Leval estimou que as mulheres conseguissem igual pagamento em cerca de metade dos Coletivos - extraído de Edições Dolgoff, *Espagne Libertaire, in The Anarchist Collectives: Workers' Self-Management in the Spanish Revolution, 1936-39,* Free Life Editions, New York, 1974 - uma importante coleção de matérias sobre o assunto.

11 Figura em Broué e Temime: *The Revolution and the Civil War in Spain.*

12 Ibidem, citando Leval.

De acordo com Hugh Thomas [13], havia em muitos lugares uma escala de pagamentos diferenciados para maridos e esposas trabalhadoras, para filhos menores e inválidos que trabalhassem, e para bacharéis, viúvas e casais aposentados.

Estas variações podiam ir de 4 a 12 pesetas por dia. Algumas vezes, certas categorias de mulheres eram bem pagas; em Villaverde, viúvas eram pagas no mesmo nível de um bacharel, mais um auxílio no caso de ter filhos. De outro lado, bacharéis tinham geralmente livre acesso ao restaurante comunitário enquanto que os demais pagavam 1 peseta.

A idéia de uma escala de salários diretamente discriminatória contra as mulheres não é, então, a mesma para todos os casos; mas, há evidências de uma postura comum, baseada no conceito da família patriarcal, segundo a qual às mulheres não se fazia necessária uma igualdade salarial.

As opiniões dos observadores libertários diferem quanto a esta questão.

José Peirats considerou que o salário-família foi a maneira encontrada de agregar o desejo de privacidade com um estilo de vida mais íntimo. H.E. Kaminski adotou uma linha mais dura ao afirmar que o salário-família punha o mais oprimido dos seres humanos na Espanha, as mulheres, sob o controle dos homens. Ele utilizou isto como prova para explicar que o comunismo-anarquista da Vila de Alcora tinha "adquirido a sua natureza devido ao atual estado das coisas" [14].

Como uma medida da reforma social, o novo sistema de pagamento tinha aspectos positivos; no mínimo, o direito das mulheres aos meios de subsistência, quaisquer que

---

13 **Anarchist Agrarian Collectives in the Spanish Civil War** *in* Carr, Raymond, *The Republic and the Civil War in Spain* (London, 1971).

14 Ambos os escritores estão entre aqueles apresentados em *Anarchist Collectives: Workers' Self-Management in the Spanish Revolution,* Edições Dolgoff, 1936/1939.

fossem as suas funções na sociedade, foi reconhecido tanto quanto o foi o das crianças.

Peirats nos conta que, no campo, as donas de casa não eram obrigadas a trabalhar fora, exceto quando absolutamente necessário (trabalhadores extras poderiam ser convocados pelo pregoeiro [15] em caso de necessidade), e as mulheres grávidas tratadas com especial consideração. Filhas de pais lavradores não eram forçadas a prestar serviço nas cidades ou noutras regiões por muito tempo; cobertas pelo salário-família, muitas destas jovens trabalhavam como voluntárias fazendo uniformes, lembrando-se que o valor dos salários não era naquele momento um assunto tão vital para os trabalhadores.

A situação permitia certo grau de flexibilidade, possibilitando mais escolhas que antes, a despeito de uma contínua divisão do trabalho que assinalava a todas os seus deveres de mulheres. Talvez o principal fator redutor da alienação do trabalho pago (para o ideal anarquista de uma sociedade livre do dinheiro não se achou nada mais prático, devido à limitada e fragmentada natureza da Revolução) foi a chance de participar na tomada de decisões nos Coletivos. A política e a prática de cada Coletivo seriam decididas por uma Assembleia Geral que geralmente elegia um Comitê Administrativo.

Até que ponto as mulheres estavam realmente envolvidas na determinação de suas condições de vida é algo incerto. Hugh Thomas concluiu que “Isto não é claro, se todos os membros do Coletivo estavam incluídos, mesmo as mulheres e, de algum modo, as crianças trabalhadoras; ou, mais provável, somente dos homens era esperada a participação”.

---

15 Nota: do inglês *town crier*, referindo-se aqui a pessoa empregada por um Conselho da cidade para fazer anúncios públicos nas ruas - livre tradução/adaptação – Wikipédia - 23/10/2015.

Uma séria acusação aos Coletivos se aceita literalmente, mas Thomas, tateando em busca de uma suspeita para censurar aos libertários, não é o interprete mais confiável.

Gaston Leval, no seu *Collectives in the Spanish Revolution* (traduzido por Vernon Richards, Freedom Press, 1975, p. 207-213), relata uma assembleia em povoado na qual compareceram "cerca de 600 pessoas, incluindo mais de 100 mulheres, moças e algumas crianças". Das discussões constava proposta para "organizar uma oficina de trabalho onde as mulheres pudessem trabalhar ao invés de desperdiçarem o tempo fofocando pelas ruas. As mulheres riram, mas a proposta foi aceita". Discutiu-se, também, "a nomeação de novo diretor do hospital" (e descobrimos que a diretora é uma mulher, algo bastante incomum). Ele recorda o amplo envolvimento e interesse nas discussões para que "ninguém parta antes do final... Nenhuma mulher ou criança foi dormir". Mulheres podiam geralmente estar presentes, mas não, necessariamente, em pé de igualdade com os homens.

Ainda assim, Thomas notou a "… ausência de todo o complicado aparato da Igreja Católica tradicional e de todas as coisas que se foram com isto" (tal como a subordinação das mulheres) como fator que susteve uma contínua animação por parte da vasta maioria dos trabalhadores. Preconceitos sobre a função feminina e a feminilidade não foram, é claro, abandonados da noite para o dia.

Leval nos escreve sobre mulheres negociando provisões, lojas de roupas produzindo vestimentas da moda para mulheres e meninas, as moças sendo ensinadas a coser roupas para seus futuros filhos, entre outras inquestionáveis reflexões sobre "o atual estado das coisas". No entanto, uma impressão positiva sobre significativas mudanças nas atitudes e na atmosfera social em geral é notada e comunicada por muitos observadores de primeira mão.

No início de agosto de 1936, Franz Borkenau [16] notou uma autoconfiança entre as mulheres em Barcelona, fato inusitado para as espanholas quando em público. As jovens milicianas invariavelmente vestiam calças, algo impensável algum tempo antes; mas, mesmo quando armadas, eram ainda acompanhadas, ao contrário das voluntárias de outras nacionalidades.

Em Madri, ele observou uma mudança visível na situação das mulheres: jovens trabalhadoras eram vistas às centenas, talvez milhares, fazendo coletas para a *International Red Help* [17]. Descreve como elas se aproveitavam disto, obviamente, dado que para muitas era a primeira vez que apareciam em público, subindo e descendo as ruas aos pares, indo a elegantes restaurantes e conversando com desenvoltura com estrangeiros e milicianos.

Mesmo assim e a despeito de murmúrios ocasionais de outros comentaristas sobre "promiscuidade", considerou que havia uma ausência geral de qualquer mudança profunda na vida sexual, menos que na (**Primeira**) Grande Guerra.

Havia, ao menos, uma tendência para dispensar ou simplificar as formalidades legais. No lugar do casamento, os anarquistas eram a favor da união livre baseada no respeito mútuo e na responsabilidade compartilhada. O vínculo entre amantes foi, muitas vezes, considerado como equivalente ao enlace matrimonial.

---

16 Borkenau, *The Spanish Cockpit* (Faber, 1937).

17 Nota: Trata-se da *International Red Aid*, fundada em 1922, em resposta à diretiva do 4º Congresso Mundial da COMINTERN, organização internacional com o propósito de reunir os partidos comunistas de diversos países, "para auxiliar na criação de organizações, angariar donativos e dar apoio moral a todos os cativos do capitalismo na prisão" - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 30/09/2015.

Nos Coletivos, de acordo com Leval, a cerimônia para o casamento legal persistiu porque as pessoas aproveitavam-no como uma ocasião festiva. Os companheiros seguiam os procedimentos e depois destruíam as provas documentais.

Os Coletivos incorporaram suas próprias pressões para conformarem-se, não somente em matéria de trabalho, o qual esperado ser levado a sério, mas, também, em relação às questões sexuais. As pessoas que se casavam eram frequentemente agraciadas com presentes, suplementação salarial e ajuda com habitação; por outro lado, o Coletivo tinha o poder de negar privilégios, tais como os meios para viajar até a cidade se o propósito fosse considerado inapropriado.

Kaminski, falando sobre o Comitê de Alcora, descreve-o como que exercendo o papel de chefe de família. Ele cita um membro do Coletivo como dizendo: "Não há dinheiro para vice".

A sobrevivência das atitudes tradicionais incluía a curiosa afirmação em alguns Coletivos de que refeitórios separados eram necessários para homens e mulheres, pois assim o requeria a dignidade humana.

A segregação sexual era praticada nas casas para crianças abandonadas em Madri, onde os meninos eram alojados, alimentados e educados por *staff* de professoras no Palace Hotel e as meninas em outro edifício.

Apesar de todas as limitações, a Revolução Espanhola nesta sua primeira fase trouxe novas possibilidades para as mulheres nas zonas não capturadas pelos Nacionalistas e funcionou como elemento de liberação pessoal para muitas.

Um grupo que pretendia atuar dentro de uma perspectiva libertária na ocasião foi *Mujeres Libres*.

Pelo fim de setembro de 1936, abrigavam diversas seções de trabalho: transportes, serviços públicos, enfermagem, vestuário, brigadas móveis para não-especialistas e brigadas capazes de substituírem os homens necessários na guerra [18] [19].

A Federação desenvolveu-se, organizada para as mulheres darem a máxima contribuição qualquer que fosse o trabalho a ser feito. Seus membros viam-se como tendo importante função educacional, trabalhando para emancipar as mulheres da tradicional passividade, ignorância e exploração que as escravizavam e para um real entendimento entre homem e mulher, que poderiam trabalhar juntos sem se excluírem mutuamente.

---

18 Relatório do grupo *Mujeres Libres* de Madrid, em *Spain and the Revolution,* 25/08/1937, o qual inclui declarações de suas posições. Mais informações do grupo são dadas no artigo de Temma F. Kaplan, "*Spanish Anarchism and Women's Liberation*" (Journal of Contemporary History, Vol. 6, nº 2, 1971) - uma contribuição altamente relevante para o assunto tratado neste panfleto.

19 Nota: o texto original publicado informava *...abrigavam sete seções...*, e, não, *...abrigavam diversas seções...* Em correspondência datada de 03/08/1997 para este tradutor, Liz Willis discute a questão do número de sete seções de trabalho inicialmente registrada e informa que tanto pode ter ocorrido erro de transcrição ou inconsistência nos dados pesquisados como, por exemplo, de as "*brigadas capazes de substituírem os homens necessários na guerra*" serem compostas por duas seções de trabalho. A pesquisa realizada para solucionar a questão constatou que havia oficinas de trabalho para vários tipos de atividades, como o comércio e as voltadas à metalúrgica, notadamente para o esforço de guerra, de produção de material bélico, e a depender da região onde o Movimento se organizava, no meio urbano ou rural. Optou-se, assim, nesta tradução, conforme orientação da própria autora na referida correspondência, por indicar a existência de "*diversas seções de trabalho*". Importante registrar que as oficinas de trabalho cumpriam uma dupla função: a de propiciar a formação cultural e profissional das mulheres.

Eles viram a necessidade de despertar as mulheres para a consciência vital de seu movimento e convencê-las de que atividades isoladas e puramente femininas eram impossíveis naquele momento. Acreditavam-se baseados na compreensiva aspiração humana por emancipação, realizável somente através da revolução social, a qual libertaria as mulheres da estagnação e da mediocridade.

Politicamente, os *slogans* de *Mujeres Libres* descreviam a situação como uma luta entre duas classes e duas ideologias: trabalho contra o privilégio, liberdade contra a ditadura. Provar isto se demonstrou mais complicado. A característica mistura anarquista de uma retórica exagerada, de uma teoria incompleta e de uma atividade prática intensiva não era páreo para as exigências de uma sinistra realidade política, a despeito de um sucesso real do grupo dentro de difíceis condições.

A defesa de Madri

É claro, a pressão dos Nacionalistas era forçosamente presente, providenciando, inicialmente, um estímulo, bem como uma ameaça à ação revolucionária a partir do momento em que o povo tomou para si a luta com as próprias mãos.

A resistência organizada em Madri contra o exército nacionalista no início de novembro de 1936 renovou o espirito de imediata resposta à revolta militar e, novamente, as mulheres tiveram importante participação, como quando nos primeiros dias da guerra.

Um batalhão de mulheres lutou ante a ponte de Segóvia. Em Gestafe, no centro da frente de combate norte, as mulheres viam-se todas as manhãs sob o fogo inimigo e estavam entre os últimos a partirem. Na retirada para Madri, ocasionais militantes eram algumas vezes mais militares na aparência que os próprios homens; outras, asseadas, arrumadas, maquiadas, segundo um observador [20].

Com os italianos da Coluna Internacional em Madri estava uma garota de 16 anos, da Ciudad Real, que se juntou ao grupo após pai e mãe terem sido mortos. Ela tinha os mesmos deveres dos homens, compartilhando com eles os meios de vida disponíveis. Diziam ser excelente atiradora.

Na cidade, as mulheres organizaram manifestações em massa, idealizavam propagandas e slogans, incluindo "*¡No Pasarán!*" ("Não passarão", dizia La Pasionaria [21]), construíam barricadas, frequentemente com a ajuda de crianças e, muitas vezes, debaixo do fogo inimigo. Estabeleciam Comi-

---

20 Gilbert Cox, *The Defence of Madrid* (Gollancz, 1937).

21 Nota: La Pasionaria - pseudônimo de Isidora Ibárruri Gómez, líder republicana espanhola e política comunista basca, conhecida pela sua atuação na defesa da Segunda República Espanhola e pelo famoso *slogan* ¡No Pasarán! - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 23/10/2015.

tês em bairros, quarteirões, casas, para provisão de comida, munição e comunicação. Contribuíram ativamente para a defesa, incluindo observação antiaérea e na vigilância de suspeitos de pertencerem a Quinta Coluna [22].

Seus Comitês organizaram refeitórios coletivos e lavanderia; creches e maternidades organizadas entre julho e outubro de 1936 funcionaram da melhor maneira possível.

Broué e Temime descreveram estes Comitês nas casas e nos bairros como importantes para uma segunda revolução em Madri e base de uma genuína comuna.

Simultaneamente, as mulheres tinham muitas vezes de suportar o peso do sofrimento, arriscando a violação dos regulamentos no toque de recolher, o qual as barravam das ruas antes das seis horas da manhã em favor de conseguirem um bom lugar nas filas por comida (Os primeiros lugares do dia seguinte eram para aqueles que não haviam sido atendidos).

Às esposas dizia-se que deveriam estar prontas para levarem as refeições dos homens não para as fábricas, mas para as trincheiras [23]. Mulheres da classe trabalhadora levavam refeições quentes para as barricadas, mulheres oriundas da classe média cuidavam de cozinhas que preparavam sopas para refugiados e para as vítimas de tiros da Quinta Coluna nos postos de primeiros socorros.

Nem tudo o que era feito por elas, no entanto, pode ser visto positivamente. Relatos de recrutamento forçado, com procissões de mulheres marchando pelas ruas e chamando os desocupados para fora dos Cafés podem ser con-

22 Nota: refere-se a grupos clandestinos que atuam, dentro de um país ou região prestes a entrar em guerra (ou já em guerra) com outro, ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva, ou, no caso de uma guerra civil, atuando em prol da facção rival - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 30/09/2015.

23 *Mundo Obrero* (07/11/1936), citado em Hugh Thomas, *The Spanish Civil War* (Penguin I965), p.406.

siderados uma desagradável reminiscência do patriotismo exagerado das antigas sufragistas britânicas, pela utilização de "penas brancas" [24], simbolicamente, durante a Primeira Guerra Mundial.

Esta impressão é reforçada por uma avaliação das atitudes manifestadas por Dolores Ibárruri, que se tornou proeminente como La Pasionaria na ocasião, com a sua voz incessantemente ouvida em autofalantes nas ruas e na Rádio Madrid, exortando as mulheres a lutarem com facas e óleo fervente contra o invasor.

A luta contra os Nacionalistas passa a ser expresso em termos neonacionalistas, como o verdadeiro patriotismo, um recorrente motivo histórico, ao invés de colocar-se em termos atinentes a uma luta de classes contra a reação (**fascista**).

Agora, as pressões por união e luta contra os fascistas começam a ameaçar as conquistas da revolução em si.

24 Nota: A "pena branca" foi o símbolo tradicional de covardia, usado e reconhecido especialmente dentro do exército britânico e em países associados com o Império britânico desde o Século XVIII, especialmente pelos nacionalistas de extrema-direita e pelas primeiras feministas para humilhar publicamente os homens que não eram soldados, dando ou obrigando aqueles a receberem - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 30/09/2015.

Redução, legalização e thermidor [25]

Tão logo o impulso revolucionário inicial diminuiu e as forças do lado republicano empenharam-se na tarefa de ganhar a guerra, a contribuição feita pelas mulheres não foi menor, mas o seu papel assumiu um caráter mais de apoio.

Por volta de novembro de 1936, de acordo com Gilbert Cox, ainda havia algumas militantes na linha de frente, porém, em número muito reduzido. Eram vistas na função de enfermeiras, cozinheiras e lavando roupas atrás das frentes de combate.

George Orwell corrobora isso dizendo que ao final de dezembro ainda havia mulheres servindo nas milícias, mas não muitas; acrescenta que a atitude para com elas havia mudado: nos primeiros dias, muitas mulheres iam para o *front* tão logo se apossassem de um macacão de mecânico [26]; também, a visão de mulheres armadas ganhava aplausos e admiração. Agora, os militantes homens ficavam fora do caminho quando as mulheres se exercitavam na prática de tiro, riam delas e procuravam deixá-las de lado.

Uma unidade do POUM (Partida Obrera de Unificacion Marxista - Workers' Party of Marxist Unification) [27] na seção da linha de frente onde Orwell se encontrava era objeto de fascinação por causa de três militantes mulheres

---

25 Nota: a palavra "thermidor" significando o abandono de estratégias e metas mais radicais da revolução, especialmente causada por uma substituição das principais personalidades. Para os historiadores dos movimentos revolucionários, refere-se à fase, em algumas revoluções, quando o pêndulo político balança de volta em direção a algo que se assemelha a um estado pré-revolucionário e o poder escapa das mãos das lideranças originais - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 30/09/2015.

26 Alvarez Del Vayo, *Freedom's Battle* (London, I940).

27 Nota: Partido Operário de Unificação Marxista.

que cozinhavam, tendo o contato proibido com homens de outras Companhias.

A diferença da atmosfera reinante uns poucos meses antes podia ser observada na troca dos vestidos, com o reaparecimento de peças de vestuário consideradas "burguesas". Em janeiro de 1937, as moças de Barcelona não mais hesitavam em vestir suas roupas mais bonitas [28] ou exercitar as boas maneiras, com "camarada" não sendo mais a única forma de discurso aceitável [29], mas isto tinha um contexto político.

"Dualidade de poderes", com os Coletivos coexistindo com um Governo em grande parte ineficaz, deram espaço para a consolidação e ampliação do controle pelo Governo da Frente Popular.

A liderança informal da CNT-FAI decidiu participar do governo [30] e, com maior ou menor sentimento e racionalização, participou da legalização, direção e eventual supressão dos ganhos revolucionários, e pavimentou o caminho para o Partido Comunista.

Federica Montseny, após alguma hesitação, aceitou o cargo de Ministra da Saúde.

Vinda de uma família com antecedentes anarquistas, tornou-se figura proeminente na FAI e considerada uma das melhores oradoras do movimento anarquista. Mais tarde, ganhou a reputação de ser a única Ministra do Governo preparada para discutir a participação no mesmo de forma franca e critica [31], mesmo que de maneira equivocada.

---

28 Borkenau, p. 175.

29 Em Orwell, p. 8-9, sobre a atmosfera inicialmente reinante.

30 O papel dos anarquistas no Governo é discutido criticamente por Vernon Richards em *Lessons of the Spanish Revolution* (Freedom Press, 1972).

31 Burnett Bolloten, *The Grand Camouflage* (New York, 1961) - uma completa documentação sobre como o Partido Comunista tomou o poder.

Suas declarações incluem a alegação de que a CNT era um tanto ingênua politicamente, que a intervenção direta no Governo Central foi a mais profunda revolução já feita no campo político e econômico e que ao Estado tinha sido concedido pouco crédito e confiança em prol de se realizar a revolução a partir de cima.

Na melhor das hipóteses, algumas reformas foram alcançadas: a legalização do aborto sob condições controladas e o estabelecimento de refúgios abertos a todas as mulheres, inclusive prostitutas. Federica Montseny opôs-se à ideia de lidar com a prostituição por Lei, acreditando que "apresenta um problema de caráter moral, econômico e social, que não pode ser resolvido juridicamente" [32].

Uma Lei Republicana em junho de 1935 tinha proibido a prostituição, de forma a penalizar as mulheres infratoras; durante a revolução, a ênfase era sobre a educação como meio para se acabar com a prostituição, o que não ocorreu [33].

Até que ponto a Ministra da Saúde estava comprometida, ela mesma, com a maior envergadura de uma revolução sexual é duvidoso, à luz de uma entrevista com Kaminski.

Na mesma, ela aparece como favorável ao controle de natalidade, mas não acreditava que as mulheres espanholas o desejassem fazer (embora, provavelmente, houvesse um elemento de realismo nisso), não acreditava na possibilidade de um divórcio fácil e considerava que as mulheres eram afeitas a "elogios" (comentários sexistas), incrédulas com a

32 Citado por Temma Kaplan, J. Contemp. Hist., Vol. 6, nº 2, p. 108 - **Nota**: *Journal of Contemporary History*, April 1971; vol. 6, 2: p. 101-110 - jch.sagepub.com - 11/08/2015.

33 Na Madri sitiada poucas eram as prostitutas, mas com pouco tempo livre.

ideia de que poderia tratar-se de insultos [34]. Aparentemente, no entanto, apoiou a disseminação de informações sobre o controle de natalidade, como o fez *Mujeres Libres*.

O Governo também tomou providências para regulamentar os costumes matrimoniais. Casamentos foram celebrados nos quartéis das milícias com um mínimo de incômodo. Todos aqueles realizados em 18 de julho (**de 1936**) e após foram reconhecidos como legais [35]. Em abril de 1937 foi instituído o "casamento por costume", pelo qual a coabitação por dez meses ou menos, no caso de uma gravidez, foi considerada como casamento. Este decreto foi revogado mais adiante, pela ocorrência de muitos casos de bigamia.

Ocupando-se dos detalhes da vida civil, o Governo também se preocupou com a organização dos esforços de guerra.

Para tornar o cotidiano o mais "normal" possível em tempos de guerra, as mulheres começaram a "vir à tona" para compensar a falta de mão de obra. Outra característica da guerra foi a inevitável escassez. Na ausência de racionamento, as mulheres tinham de formar filas para conseguir pão às quatro horas da manhã (embora, aos domingos, as filas fossem formadas por homens e mulheres, em igual número).

As filas por comida eram controladas e hostilizadas pela Guarda Civil montada a cavalo [36] e em dois sérios tumultos por pão em Barcelona no início do ano de 1937,

34 Citado por Gilbert Jackson, *The Spanish Republic and Civil War* (Princetown, 1965). O tom destes conflitos e um pouco das impressões de Temma Kaplan.

35 Thomas, (nota: Hugh) *The Spanish Civil War*, p. 244. Na verdade, ele escreve "qualquer casamento entre milicianos", mas é de se duvidar que a República fosse tão tolerante.

36 Orwell, p. 188-89.

multidões formadas principalmente por mulheres foram dispersas a coronhadas.

Entre julho de 1936 e março de 1937 o custo de vida dobrou, enquanto os salários aumentaram apenas 15%. Em abril de 1937, mulheres em Barcelona realizaram um protesto contra a alta dos preços.

Às causas externas das dificuldades adicionem-se os conflitos em desenvolvimento dentro do próprio campo antifascista.

O Partido Comunista, um grupo insignificante na política espanhola no início da Guerra Civil, ampliou a sua esfera de ação e o seu domínio sobre as forças republicanas, apoiado pela intervenção política e militar russa.

As mulheres eram os seus alvos prioritários, juntamente com os círculos de jovens e de intelectuais, quando se tratava de realizar conversões.

As Organizações de frente (**do Partido Comunista**) incluíam a União das Moças, a das Mulheres Antifascistas e a União das Jovens Mães. Em julho de 1937, as células da JSU (União da Juventude Socialista) incluíam 29.021 mulheres [37].

Um confronto físico ocorreu no chamado *Barcelona May Days* [38], maio de 1937, quando, em um ataque à estação telefônica por forças governamentais, tentou-se "desarmar a retaguarda", provocando forte resistência.

Uma vez mais, o valor da participação dos libertários no Governo, para o Governo, ficou demonstrado. Após

---

37 S. G. Payne, *The Spanish Revolution* (Weidenfeld & Nicolson, 1970). Este total, comparando com 70.080 camponeses, 14.213 estudantes e 28.021 operários, abrigados em suas células.

38 Nota: também denominadas de "Jornadas de Maio de 1937", série de confrontos entre os dias 3 e 8 de maio de 1937, quando facções no lado republicano da Guerra Civil Espanhola engajaram-se em batalhas de rua entre si em várias partes da Catalunha e em particular na cidade de Barcelona - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 30/09/2015.

três dias de luta e com uma estimativa de que os companheiros libertários e o POUM controlavam $^4/_5$ de Barcelona [39], os líderes da CNT-FAI foram chamados para acalmar a situação. Apelos de Mariano Vasquez, Secretário do Comitê Nacional da CNT e de Garcia Oliver, anarquista e Ministro da Justiça, falharam em pacificar os trabalhadores.

Federica Montseny foi, então, enviada em nome do Governo de Valência (que havia sido transferido de Madri, com o avanço das forças nacionalistas), após tropas terem sido retiradas da frente de combate para serem enviadas a Barcelona, se necessário.

Ela obteve a concordância governamental de que "estas tropas não serão enviadas antes que a Ministra da Saúde julgue necessário fazê-lo" [40] considerando, portanto, a possibilidade de que uma ministra anarquista pudesse autorizar o uso de tropas contra a classe trabalhadora. O resultado final foi a confusão, a desmoralização e concessões por parte da CNT.

Os "militantes líderes" concluíram que parecia estarem jogando o jogo do inimigo para dar ao Partido Comunista uma desculpa para atacar seus oponentes.

Verdade ou não, se precisavam de um pretexto, o malogro do *Barcelona May Days*, uma breve explosão, possibilitou ao PC - **Partido Comunista** reforçar as suas posições, levando os ministros anarquistas para a oposição e proscrevendo o POUM.

39 Leval, citado em Dolgoff's *Anarchist Collectives*, p. 60.

40 Peirats, citado por Vernon Richards, p. 133.

As mulheres estavam entre as suas vítimas; entre as detidas encontravam-se enfermeiras de hospitais e esposas de membros do POUM. Emma Goldman visitou seis “ativistas” numa prisão para mulheres, incluindo Katia Landau [41], que exortava as prisioneiras à greve de fome, sendo ela mesma liberada após duas greves de fome [42] [43].

41 Nota: “...Es una mujer también refugiada, de nacionalidad austriaca, que está trabajando entonces en un comité norteamericano de ayuda y rescate. De fina y delicada belleza, animosa ante las dificultades, de inteligencia rápida, ella decide desde el primer momento sacar de Francia a aquel español singular que le acaba de ser presentado. Aunque apenas habla cuatro palabras en castellano, en seguridad que está ante una mujer distinta, una mujer europea sensible y culta; la firmeza de sus convicciones, la generosidad que en ella advierte de inmediato, esa fuerza interior que de ella emana le cautivan. Aunque un velo de tristeza, de pesadumbre cubra por momentos su mirada y detenga su espontánea sonrisa. Es Katia Landau, la que fuera esposa de Kurt Landau. En los últimos meses del año 1937 y los primeros de 1938, esta mujer menuda y enérgica, que muestra toda su entereza en los momentos de las grandes pruebas, ha estado tratando de saber qué ha sido de su marido, dónde está, en manos de quién. Sólo se sabe que Kurt Landau desapareció en Barcelona el 23 de septiembre del 37, al parecer arrestado. Katia ha entrado en todas partes y preguntado a todos, pero de sus pesquisas no sale nada en limpio; sus investigaciones terminan en el vacío. (…)” - *La Flota es roja*, de Daniel Sueiro (Argos Vergara, Barcelona, 1983), p.278-280, em “Noticias de Julia Lipschutz, conocida como Katia Landau”, de Pepe Gutiérrez-Álvarez - livre adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

42 *Spain and the World*, 10/12/1937.

43 Nota: em correspondência datada de 09/08/1993 para este tradutor, Liz Willis informa que esta visita também se acha registrada no livro *Vision On Fire*, de Emma Goldmann, editado por David Porter: New Paltz, New York, Commonground Press, 1983, p. 157 – disponível para *download* em: https://libcom.org/library/vision-fire-emma-goldman-spanish-revolution - 15/08/2017.

Dimensão internacional

Internacionalmente, o apelo da Guerra Civil Espanhola compôs-se de um misto de exortações românticas e de invocações de legalidade que logo obscureceram os aspectos revolucionários da luta com uma retórica "antifascista". Esta foi uma política deliberada de elementos da Frente Popular/Partido Comunista [44] e reconhecê-la não é depreciar os motivos daqueles que responderam ao chamado.

A primeira voluntária inglesa a ser morta chamava-se Felícia Browne [45], pintora filiada ao Partido Comunista, baleada em agosto de 1936 na cidade de Aragão. Outras mulheres, entre os primeiros voluntários, foram Renée Lafont, jornalista francesa socialista que morreu após ter sido ferida

---

44 Como documentado por Bolloten e outros.

45 Nota: Em julho de 1936 Browne viajou de férias para França e Espanha, acompanhada de sua amiga, Dra. Edith Bone, uma fotógrafa de esquerda. Seu objetivo era chegar a Barcelona em tempo para a Olimpíada do povo (a resposta socialista aos Jogos Olímpicos de Berlim, de Hitler). No entanto, chegaram pouco antes da rebelião militar contra a República Espanhola, que anunciava o início da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), e imediatamente foram apanhadas na violência que envolveu Barcelona em 19 de julho de 1936. Sem hesitação e a despeito do desânimo considerável de amigos e funcionários do Partido, ela se juntou a uma milícia comunista no dia 3 de agosto. Em 25 de agosto de 1936, Felícia foi morta em combate na frente de Aragon, perto Tardienta, como parte de um grupo que tentou dinamitar um trem de munições fascista. O grupo foi emboscado e Browne, baleada e morta enquanto estava auxiliando uma camarada italiana ferida - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

e capturada numa emboscada [46], e Simone Weil [47], que esteve na Coluna Durrutti, Catalunha, entre Agosto e Outubro de 1936.

Na Grã-Bretanha, uma miscelânea de organizações de apoio foram criadas sob vários auspícios, com mulheres profundamente envolvidas. O *Defendant's Aid Committee* - Comitê de Ajuda aos Acusados, para o bem-estar das famílias dos voluntários britânicos, foi fundado por Charlotte

---

46 Nota: Enviada em missão na Espanha no início da Guerra Civil em nome do jornal socialista Le Populaire, ela cobre a luta em torno de Córdoba em uma época onde a frente de batalha não está ainda delineada e quando o quartel general republicano anuncia a captura iminente da cidade. Em 29 de agosto de 1936, o carro em que se encontra perde-se entre os dois lados da contenda, é emboscado, e seus três ocupantes, capturados pela milícia nacionalista. Testemunhos dão conta em um primeiro momento que morreu de seus ferimentos. Diversos arquivos militares e civis permitem conhecer o seu verdadeiro destino. Tendo sido encontrados com ela documentos da República, impressos neles a foice e o martelo, Renée Lafont é conduzida perante um tribunal militar que a condena à morte e, em 1º de setembro de 1936, é fuzilada. Seu corpo é enterrado em lugar que permanece desconhecido - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

47 Nota: Simone Weil - filósofa francesa, cristã mística, ativista política, professora. Ensinou intermitentemente ao longo da década de 1930, com várias interrupções causadas por problemas de saúde e para se dedicar à militância política, trabalho que iria auxiliá-la no movimento sindical, tomando o lado dos Anarquistas conhecidos como a Coluna Durruti, na Guerra Civil Espanhola, e passou mais de um ano trabalhando como operária, principalmente em fábricas de automóveis, para melhor entender a classe trabalhadora. Tomando um caminho que era incomum entre os intelectuais de esquerda do Século XX, tornou-se mais inclinada para o misticismo e religiosa ao longo de sua vida. Escreveu durante toda a sua vida, mas a maioria de seus escritos não atraiu muita atenção até depois de sua morte. Na década de 1950 e 1960, seu trabalho tornou-se famoso na Europa Continental e em todo o mundo anglófono. Seu pensamento continua a ser objeto de extenso estudo em ampla variedade de campos. Um meta-estudo da Universidade de Calgary constatou que, entre 1995 e 2012, mais de 2.500 novos trabalhos acadêmicos tinham sido publicados sobre ela. Albert Camus descreveu-a como "o único grande espírito de nossos tempos" - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

Haldane [48], do Partido Comunista, e contava entre os seus apoiadores com a Duquesa de Atholl [49], Ellen Wilkison e Sybil Thorndike [50].

---

48 Nota: Escritora feminista britânica - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

49 Nota: Katharine Marjory Stewart-Murray, Duquesa de Atholl. Em abril de 1937, em companhia de Eleanor Rathbone e Ellen Wilkison, foi para a Espanha observar os efeitos da Guerra Civil espanhola. Em Valencia, Barcelona e Madri, Eleanor Rathbone viu o impacto do bombardeio aéreo da Luftwaffe em favor dos Nacionalistas, visitou os prisioneiros de guerra tomados pelos Republicanos e notou o impacto do conflito sobre as mulheres e as crianças, em particular. Seu livro, *Searchlight on Spain*, resultado deste seu envolvimento, e o seu apoio para o lado republicano no conflito, levou-a a ser apelidada de a "Duquesa Vermelha". Pouco antes ou mesmo durante 1938, viajou para a Romênia, onde visitou "Satu Mare Romanian Women Association", na cidade de Satu Mare, com o objetivo de apoiar os romenos na causa para preservar as suas fronteiras como estabelecido em 1918. Ela fez campanha contra o controle soviético da Polônia, Tchecoslováquia e Hungria na qualidade de Presidente da Liga pela liberdade Europeia na Grã-Bretanha, a partir de 1945 - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

50 Nota: Atriz inglesa que excursionou internacionalmente em produções teatrais de Shakespeare, aparecendo muitas vezes com seu marido, Lewis Casson. Bernard Shaw escreveu *Saint Joan* especialmente para ela, que a estrelou com grande sucesso. Foi condecorada Dame Commander of the Order of the British Empire em 1931 e Companion of Honour em 1970. Thorndike e Casson foram membros ativos do Partido Trabalhista e tinham fortes pontos de vista de esquerda. Mesmo quando a greve geral de 1926 parou a primeira execução teatral de *Saint Joan*, ambos apoiaram os grevistas. Pacifista, Thorndike foi membro da Peace Pledge Union e fez leituras em benefício da entidade. Durante a Segunda Guerra Mundial, Thorndike e Casson fizeram uma turnê com produções de Shakespeare em nome do Council for the Encouragement of the Arts - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

Isabel Brown [51], também do Partido Comunista, estava por trás do *British Committee for the Relief of Victims of Fascism* - Comitê Britânico de Socorro às Vítimas do Fascismo, que inspirou a criação do *British Medical Aid Committee and Medical Aid Unit* - Comitê de Auxílio Médico Britânico e Unidade de Assistência Médica.

Leah Manning [52], socialista inglesa e ex-membro do Parlamento Inglês, estava no último avião civil a alcançar Madri quando esta se viu ameaçada e ofereceu-se como pro-

---

51 Nota: Professora, ingressou no Partido Trabalhista em 1918 e foi membro fundadora do Partido Comunista na Grã-Bretanha. Casou-se com Ernest Brown, um organizador em tempo integral do Partido Comunista, em 1921. Em 1924, Ernest foi nomeado representante britânico para o Comitê Executivo da Internacional Comunista e mudou-se para Moscou. Lá, Isabel fez parte dos círculos que incluíram Dolores Ibárruri (Espanha), Clara Zetkin (Alemanha) e Helen Stasova (Bulgária), preparou-se e veio a se tornar uma líder comunista na década de 1920 e de 1930. Foi a força motriz por trás do British Committee for the Relief of Victims of Fascism, de apoio às vítimas do fascismo, que inspirou a criação do British Medical Aid Committee and Medical Aid Unit. Isabel Brown personificou a feroz determinação dos comunistas europeus em conter a onda fascista. Foi uma força altaneira em campanhas de arrecadação de fundos da Aid for Spain - Ajuda para a Espanha. Seu talento para arrecadar fundos para todas essas causas foi tão amplamente admirado que as suas intervenções no papel de "appealer" para doações nas reuniões que se seguiam após manifestações massivas e em comícios eram frequentemente mais ansiosamente aguardadas do que os principais discursos - livre tradução/adaptação - grahamstevenson.me.uk - 24/10/2015.

52 Nota: Elizabeth Leah Manning, pedagoga britânica, reformadora social, membro do Parlamento (MP) pelo Partido Trabalhista na década de 1930 e 1940, e veio a tornar-se Secretária do Comitê de Auxílio Médico Espanhol. Na primavera de 1937 ajudou a organizar a evacuação de quase 4.000 crianças bascas em risco, órfãs, para a Grã-Bretanha, bem como cerca de 200 adultos, que acompanhavam as crianças. Enquanto estava lá, testemunhou o bombardeio de Guernica. Em 1938, Manning retornou para a Espanha, onde escreveu relatório sobre os hospitais em que os médicos e enfermeiras trabalhavam. De volta à Inglaterra, ela continuou a envolver-se com as crianças do País Basco, visitando-as e informando a sua situação. Foi condecorada Dame Commander of the Order of the British Empire em 1966 - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 24/10/2015.

pagandista na Grã-Bretanha, na tentativa de salvar a cidade.

Os libertários estavam mais conscientes da luta social.

Eles se mantinham informados através do jornal anarquista *Spain and the world*, que sempre incluía referências sobre as mulheres, de tempos em tempos. Uma reportagem das *Mujeres Libres* menciona a importância das mães como educadoras e a necessidade de libertá-las da religião. Citando a legenda de uma foto: "Espanholas, também, aproveitem a Liberdade: A Igreja não mais ditará" (02/07/1937).

Emma Goldman, Delegada Oficial da CNT-FAI na Grã-Bretanha, em entrevista datada de 08/01/1937, estimava que às mulheres ainda não tinha sido dada a chance efetiva de contribuir mais e que foram insuficientemente despertas e postas em ação; julgou, no entanto, que elas tinham mudado desde 1929, tornando-se mais alertas e interessadas na luta social. Artigo publicado em 24/02/1937 descreve as "*Transformações das Mulheres Espanholas*" como que um atraso já antigo, devido à influência árabe e à dominação da Igreja Católica, mantida pela autoridade masculina e pela resignação feminina, dando lugar agora a um "magnífico e árduo despertar".

Mas, mesmo Emma Goldman e outros escritores em *Spain and the world,* a despeito de suas ideias sobre o que estava acontecendo *(Counter-revolution at work*, 19/07/1937, por exemplo), tendiam a dar maior ênfase ao "antifascismo", antes de tudo.

A militarização das milícias, os ataques aos não comunistas, a supressão dos Coletivos, menos houve que aqueles libertários pudessem apontar de positivo. Ao mesmo tempo, uma determinação paradoxal foi engendrada para promover a ideia de uma luta vital contra o fascismo, que tudo o que se passou não se afigurava como inútil.

Claro que foi possível assumir que qualquer coisa era melhor que o fascismo, mas o que "qualquer coisa" ajudou a realizar não foi a revolução social.

Sob o fascismo

Neste evento, a questão de se determinar com exatidão que ordem de desastre teria resultado de uma vitória republicana e a impossibilidade de reviver uma revolução que fora morta mantém a resposta em nível acadêmico. Ao invés, a Espanha foi ultrapassada pelo alternativo desastre de uma vitória fascista. Enquanto a política de esquerda não poderia contribuir para a liberação das mulheres, um regime de direita significava a sua antítese.

Mas, também havia mulheres no lado fascista, não todas elas enganadas ou auxiliares submissas. A Falange incluía movimentos de mulheres; ambas as facções Carlista e Falange tinham suas uniões de mulheres e a *Nazi Women's Organization* - Organização das Mulheres Nazistas era ativa na Espanha.

Pillar Primo de Rivera era figura proeminente numa das facções opostas a Franco, dentro do sortimento ideológico do campo Nacionalista, e dirigia o Auxílio Social, fundado pela viúva de um líder falangista, em 1936. Essa organização mobilizou as mulheres para o trabalho social, com recursos providos por mulheres falangistas. Mais tarde, instituiu-se um serviço social formal para as mulheres entre 17 e 35 anos de idade.

Voluntárias, em tese, um mínimo de seis meses de serviços contínuos ou seis períodos sucessivos de, pelo menos, um mês cada um se tornou pré-requisito para concorrer a empregos administrativos. Mulheres casadas, viúvas com uma ou mais crianças e pessoas com deficiências eram exceções, segundo a pregação reacionária sobre o "calor da sagrada família" e a posição das mulheres no lar.

Mulheres proveram o Exército Nacionalista com os habituais serviços de enfermagem, cozinha e lavanderia, e umas poucas podem ter servido o exército como comba-

tentes [53], mas suas participações foram menos noticiadas do que no lado republicano.

O contraste era marcante. Em Vigo, ocupada pelos Nacionalistas, raramente uma mulher era vista nas ruas. Os Nacionalistas estavam cientes da diferença; em um memorando encontrado com um de seus Oficiais, recomendava-se que, desde que um grande número de mulheres estava lutando do lado inimigo, não haveria distinção de sexo na repressão. Alguns fizeram uma distinção, reservando especial tratamento às mulheres que se lhes opunham - o mais notório foi o General Queipo de Llano, que delirava e ameaçava as "esposas dos anarquistas e comunistas" (significativamente não assumindo o direito de serem anarquistas ou comunistas), em suas locuções de rádio a partir de Sevilha e com o emprego de termos que têm sido caracterizados como uma "patologia psicossexual" [54].

Formas menos históricas de ações contrarrevolucionárias foram empregadas e praticadas desde o início: da supressão das medidas seculares adotadas pela República, incluindo o divórcio, até campanhas como a do recato a ser observado na maneira de se vestir e a proibição das pernas a descoberto. As espanholas foram condicionadas a aceitar o papel tradicional submisso. A escola era entendida como instituição onde as jovens deveriam aprender os seus "nobres deveres" para com a família e o lar.

---

53 Temma Kaplan, sem dar a fonte da declaração, diz que elas lutaram (p. 106), mas o fenômeno pode não ter sido comum. Ver (**Hugh**) Thomas, *The Spanish Civil War,* p. 409, nota nº 2, sobre a reação de um tenente irlandês que lutou ao lado dos Nacionalistas: "Mulheres na batalha lhe parecem a degradação final do lado Republicano".

54 Koestler, *Spanish Testament*. Ibidem, sobre uma descrição de Llano.

Esta ênfase continuou, embora as pressões econômicas levassem mais mulheres ao mercado de trabalho. Para uma história mais atualizada, livro publicado em 1969 [55], na Espanha, traz alguns fatos e números:

a) a percentagem de mulheres na força de trabalho cresceu de 7% para 17% entre 1950 e 1965, comparando-se com 25% na Itália e 31% no Reino Unido;

b) $^3/_4$ das mulheres empregadas executavam trabalho braçal, mecânico, mal remunerado, embora não houvesse nenhuma ilegalidade na situação;

c) entre $^1/_4$ e $^1/_3$ apenas dos estudantes nas Universidades eram mulheres, embora número igual de meninos e meninas frequentasse o ensino básico;

d) havia três professoras; três deputadas nas Cortes (**Legislativo Espanhol**);

e) a autorização formal do marido era necessária para que a esposa aceitasse um emprego e poderia ser recusada porque o subsídio familiar, pago após o segundo filho, seria cancelado se a esposa trabalhasse.

As mulheres continuaram a resistir. Quando a República foi derrotada, muitas se juntaram ao fluxo de refugiados, optando pelo exílio. Na fronteira francesa, mulheres e crianças eram separadas dos homens e alojadas em celeiros e edifícios vazios. A elas eram dados oito francos por dia, o suficiente para comprarem comida quando associadas entre si, e foram montadas cozinhas comunitárias. Posteriormente, mulheres foram internadas em

55 S. Clissold, *Spain* (Thames & Hudson, 1969).

Argèles-sur-Mer, onde havia alta taxa de mortalidade infantil.

Tais condições eram, contudo, preferíveis à vida sob o fascismo; há registro de incidentes com mulheres cometendo suicídio junto com seus filhos em um trem que conduzia refugiados de regresso à Espanha, originário da França ocupada (**pelos nazistas**). Isabel de Palencia, Ministra Plenipotenciária da Espanha Republicana para a Suécia e a Finlândia de 1936 a 1939, e que viveu o exílio no México, escreveu em 1945 que ainda havia oito prisões para presas políticas em Madri. Cita jornal da Falange que reportava cerimônia de batismo ocorrida em 1940 para 280 crianças nascidas nas prisões [56] [57].

Mais de vinte anos após, Miguel Garcia descreveu como as esposas de prisioneiros políticos ocuparam as igrejas em apoio a uma greve de fome e tiveram de ser desalojadas pelas forças da ordem pública [58]. Listas de detenções em anos recentes também incluíam mulheres; por exemplo, *Front Libertaire des Luttes de Classes*, de fevereiro de 1975, traz o nome de três mulheres entre os "Vinte Militantes Revolucionários que poderiam enfrentar a pena de morte" [59]. As probabilidades contra eles podem ser analisadas a partir do seguinte:

56 Isabel de Palencia, *Smouldering Freedom* (Gollancz, 1946).

57 Nota: Jornalista espanhola, escritora, atriz e diplomata - livre tradução/adaptação - Wikipédia - 25/10/2015.

58 Miguel Garcia Garcia, *Spanish Political Prisoners* (Freedom Press, 1970).

59 Nota: Joan Jordi Vinyolas Vidal, Núria Ballart Capdevila, Georgina Nicolau Millà - "Vingt militants Révolutionnaires risquent la peine de mort". Front Libertaire des Luttes de Classes (l'Organisation Révolutionnaire Anarchiste), nº 39, Fevereiro/1975, p. 8: archivesautonomies.org - 17/06/2017.

"Na Espanha ainda faz parte do Código Civil que, por razões de harmonia matrimonial, o marido é o tomador de decisões, de acordo com seu direito natural, histórico e religioso... A espanhola casada precisa de permissão escrita do marido para transferir propriedades, ser testemunha no tribunal, requerer passaporte, assinar contrato ou ter sua própria conta bancária. Nenhuma declaração na Espanha pode ser falada ou escrita a favor do divórcio, aborto ou do uso de contraceptivos. As penalidades por tomar parte em ação de caráter feminista são tão severas quanto inacreditáveis. Simplesmente participar de uma discussão sobre os problemas femininos pode resultar em vários anos de prisão. Recentemente, uma espanhola foi condenada a dois anos e quatro meses de prisão após a polícia descobrir literatura feminista no apartamento dela. Seu marido, que era apolítico, teve a mesma sentença. De acordo com a teoria jurídica espanhola uma mulher não pode agir por si mesma; seu marido é, portanto, responsável por suas ações."

Freedom (Press), 04/11/1972, com base em um relatório em Ramparts (Magazine).

Conclusões

Até recentemente, era quase que necessário justificar o termo "Revolução" em conexão com os eventos espanhóis de 1936 e após, tão profundamente foram obscurecidos os aspectos sociais da luta. Pode ainda ter de ser defendida (**a Revolução**) contra os puristas que denigrem a coletivização como sendo um "capitalismo autogerido" [60].

Mesmo que esta descrição fosse bastante acurada, a partir de limitado ponto de vista econômico, negar qualquer outro significado para o que aconteceu seria como utilizar tapa-olhos. Nem o fracasso ou o governo "legítimo" podem abolir o valor da experiência. *Dual power* (dualidade de poderes) é uma característica das revoluções. E apesar de, e por causa de suas limitações, a Revolução Espanhola exige e vale o estudo crítico.

Em tempos de intensa mudança social, especialmente nas guerras e revoluções, em regra se espera que as mulheres cumpram os novos papéis que lhe são destinados, adquirindo novo ponto de vista sobre si mesmas, e forçando mudanças na visão da sociedade para com elas. Isto pode ser tomado como um índice do quanto são reprimidas e restringidas em tempos "normais", com o consequente desperdício de potenciais.

A reversão à normalidade geralmente traz as mulheres de volta às suas posições anteriores, ou perto disso. A demonstração do que as mulheres podem alcançar é efetivamente esquecida - o que é uma das razões para documentar e analisar tais períodos.

60 Ver Noam Chomsky, "Objectivity and Liberal Scholarship" in *American Power and the New Mandarins* (New York, 1967).

A história das mulheres, no entanto, tem de ser resgatada não só da obscuridade, mas de duas contrastantes linhas de análise que recebe de tempos em tempos: uma linha paternalista sobre as mulheres estarem fazendo um grande trabalho, 100% atrás dos homens - onde mais? E a sua contra tendência, que ocasionalmente aparece nos escritos sobre a liberação das mulheres, de considerar tudo o que é feito por elas como bom e belo, por definição.

Na Espanha, então, as mulheres estavam envolvidas em ambos os lados - nenhuma surpresa, mas talvez valha a pena tornar isto explícito, tendo em conta o corrente *slogan* sobre "apoiar nossas irmãs na luta" e o pressuposto de que a diferença de sexo de alguma forma é fundamental.

Tiveram as mulheres na Revolução Espanhola menos, fundamentalmente, em comum com os homens com quem que partilhavam a sua posição de classe (**social**) e compromisso político do que tinham com as suas congêneres nacionais, "irmãs" do lado fascista? Todas podem ter sofrido em algum grau a dominação masculina, mas não havia nenhuma perspectiva de se unirem com base nisso (**a dominação masculina**) para alcançarem a liberação.

Por outro lado, a liberação não seria alcançada através de um trabalho livre das contradições sociais, mesmo com a assistência de um forte movimento libertário.

Pode até ser correto julgar, como o fez Temma Kaplan, que "não há razão para acreditar que a condição das mulheres espanholas seria fundamentalmente alterada se os anarquistas tivessem ganho a guerra" [61].

61 J. Contemp. Hist. 6 (2), p. 102. - Nota: *Journal of Contemporary History*: jch.sagepub.com

É difícil projetar as implicações exatas de tal vitória e, em minha opinião, ela (**a vitória**) tende a exagerar a relutância dos libertários em prever mudanças nos papéis sexuais (**nos papéis assumidos por homens e mulheres**) e nos valores (**sociais**). No entanto, seu artigo aborda pontos importantes, indicando os fatores que impediram a transformação das vidas de mulheres espanholas de classe trabalhadora.

Os fatores inibidores estavam arraigados na situação pré-revolucionária. Os libertários eram conscientes sobre como a sociedade capitalista explorava as mulheres; mas, para citar Temma Kaplan, "Eles não desenvolveram um programa para prevenir similar exploração na sociedade revolucionária".

A liberação das mulheres não foi pensada em termos teóricos e práticos. Não está claro se o movimento por uma maior liberalidade sexual deveu-se mais a uma recusa dos ditames da Igreja e do Estado (casamento). A deliberada falta de clareza que atormentou os movimentos libertários, e que se provou fatal em confronto com a dura política do PC, teve consequências aqui também. E se os libertários falharam em confrontar as suas repressões internalizadas, para a maioria da população o peso da tradição herdada deve ter sido praticamente irresistível.

Na opinião de Temma Kaplan, as revolucionárias subordinaram as suas demandas particulares para que a guerra fosse ganha; ela insinua um contraste entre esta política e a dos anarquistas como um todo. De fato, os anarquistas em geral acompanhavam a Frente Popular em quase tudo.

Eventualmente, eles manifestaram as suas diferenças com o PC e estiveram em conflito por certo tempo - mas o programa libertário foi subordinado e submetido. Sua revolução foi perdida um bom tempo antes de se perder a guerra. Encobrir as suas reais diferenças por medo de dividir

o Movimento significou o triunfo da ideologia dominante, mais forte, por suposto: o autoritarismo preponderou sobre o socialismo libertário, a dominação masculina sobre a liberação das mulheres. Esta lição é particularmente relevante para os movimentos orientados contra o que se apresenta como um óbvio "mal maior".

O destino das mulheres na revolução está intimamente ligado ao destino da revolução como um todo. Na Espanha, ocorreram ganhos inicialmente, ainda que parciais, limitados e fragmentados (poder-se-ia argumentar que a vida dos homens espanhóis não foi transformada, tampouco); a estabilização alcançada em tempos de guerra foi seguida por revezes; a derrota trouxe a reação.

Mas o destino das mulheres não deve ser encarado como um fator negligenciado, subordinado, ou a revolução social, bem como a causa das mulheres, será diminuída e perdida. Mais relevante para nós que a questão do que poderia ter acontecido "se...", é a questão do que acontece agora.

Existem alguns motivos para um otimismo calculado: a sociedade está mais avançada, a crise de autoridade é muito mais aguda. Os anos recentes viram o desenvolvimento do movimento de liberação das mulheres, levantando questões de importância fundamental para todos os revolucionários e promovendo a sua discussão.

Pelo menos, há algumas coisas das quais os nossos camaradas masculinos agora não escapariam e, é de se esperar, não queriam impor. E, novamente com sorte, temos o início de um movimento libertário que se pode esperar ter credibilidade e desenvolver-se rumo a uma nova visão da sociedade somente se a liberação das mulheres for parte integrante de suas perspectivas.

Pós-escrito [62]

Após a morte de Franco, o movimento das mulheres na Espanha fez avanços consideráveis, tomando lugar na cena internacional. Sobre questões especialmente opressivas, algumas, como a contracepção e o aborto, preocupações vitais das mulheres em todos os lugares; outras, como uma variante espanhola peculiar, as acusações de adultério, foram objeto de campanhas e manifestações e ganharam publicidade generalizada e algum relativo sucesso.

Na Espanha, o amplo espectro de opiniões, de grupos políticos radicais voltados à tomada de consciência ao feminismo radical, está agora representado, ventilando opiniões e aspirações há muito tempo reprimidas. Ideias correntes na década de 60 e 70 se misturam com ecos dos anos 30. O grupo *Mujeres Libres*, revivido entre outros grupos, aparentemente tenta combinar a conscientização para os problemas das mulheres com a rejeição do feminismo unilateral, insistindo que os homens também são oprimidos e reprimidos nos papéis que tradicionalmente, pelo sexo, lhes são indicados.

É de se esperar que isso não seja meramente uma reflexa aderência à linha antiga, mas uma resposta fundamentada nas presentes condições, pois nesta área como em outras, torna-se cada vez mais claro que a Espanha, apesar da anomalia ultrajante ocasional, pode cada vez menos ser vista como um caso especial.

62 Nota: este capítulo sobre a Espanha Pós-Franco foi inserido na reimpressão do texto nos Estados Unidos pela The Lower Depths, New York, 1980, p. 25, conforme informado ao final do texto utilizado na presente tradução: radicalhistorynetwork.blogspot.com - 14/08/2010.